

---

*“INTUIÇÃO DE ESSÊNCIAS” E  
INDUÇÃO: DA OBSERVAÇÃO  
DOS FATOS À OBJETIVIDADE  
FENOMENOLÓGICA NAS CIÊNCIAS  
HUMANAS*

---

*Carlos Diógenes C. Tourinho<sup>1</sup>*

A crítica da fenomenologia ao modo de consideração positivista se faz notar, particularmente, quando colocamos frente a frente o exercício do método indutivo adotado pelas ciências positivas com o que Husserl chamou de “intuição de essências” (*Wesenschau*). Na investigação fenomenológica, tal “intuição de essências” surge como a visão por meio da qual a coisa intencionada nos é revelada em sua doação originária e, portanto, em um grau apodítico de evidenciação. Toda ciência pressupõe, segundo Husserl, um quadro de essências. Porém, ao tomar o fato como objeto de uma observação sistematizada, procurando descrever a sua regularidade,

---

<sup>1</sup>Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense - UFF.

o cientista positivista desconhece o quadro de essências que a sua investigação pressupõe, almejando, com o exercício da indução, inferir uma “lei geral”. Para Husserl, tal lei inferida nada mais é do que uma generalização vaga, cuja validade é meramente empírica ou circunstancial<sup>2</sup>. Em um processo inverso aquele adotado pelo programa positivista, a investigação fenomenológica esforça-se em promover uma reflexão levada a cabo com rigor e discernimento acerca do que *seja* propriamente a coisa investigada. Antes de se levar adiante uma investigação na ciência física, por exemplo, faz-se necessário refletir sobre *o que seja* a “coisa física” em sua essência. O próprio Husserl salienta, em sua *Crise das Ciências Européias*, que Galileu já havia estabelecido uma *eidética* da coisa física, de modo que não poderia obter a lei da queda dos corpos induzindo o universal a partir do diverso da experiência, mas somente pela “intuição de essência” do corpo físico. O mesmo raciocínio valeria para as demais ciências, de modo que, para cada ciência empírica corresponderia, segundo Husserl, uma ciência eidética concernente ao *eidos* regional dos objetos adotados para investigação.

Com a fenomenologia, deparamo-nos, de antemão, com uma *eidética*, isto é, com uma “doutrina de essências”. Para Husserl, não há ciência que não comece por estabelecer um quadro de essências obtidas pela chamada “técnica de variação imaginária dos objetos”. A “essência” deve ser entendida em Husserl não como uma “forma pura” que subsiste por si mesma, independentemente do modo como se mostra à consciência intencional, mas sim, como o que é retido no pensamento pela referida técnica de variação imaginária: atendo-me, ao exercer a redução fenomenológica, ao núcleo invariante da coisa, isto é, ao que persiste na coisa pensada mesmo diante de todas as variações as quais a submeto *arbitrariamente* em minha imaginação<sup>3</sup>. A variação arbitrária de um objeto qualquer na

---

<sup>2</sup> Cf. Husserl, E. *Recherches logiques. Prolégomènes à la logique pure*, § 21, p.

<sup>3</sup> Husserl menciona-nos a técnica de variação imaginária dos objetos na consciência em alguns momentos de sua obra. Sobre a referida técnica, o leitor poderá consultar (*Logique Formelle et Logique Transcendantale*, § 98, p. 332; *Méditations Cartésiennes*, § 34, pp. 59/60).

imaginação permite-nos notar que tal arbitrariedade não pode ser completa, uma vez que há condições necessárias sem as quais as “variações” deixam de ser variações *daquilo* que se intenciona no pensamento. Cada uma dessas possibilidades ou desses “exemplares” que se perfilam – “...de uma maneira inteiramente livre, ao sabor da nossa fantasia...”<sup>4</sup> – na imaginação somente poderá variar enquanto variação *daquilo* que se intenciona em um *cogito* atual, na medida em que necessariamente tais variações compartilham algo de “invariante”, coincidindo em relação ao caráter necessário do que é intencionado no próprio pensamento. Nos termos de Husserl, no § 98 de *Lógica Formal e Lógica Transcendental*, tratam-se de “divergências que se prestam à coincidência”<sup>5</sup>. Trata-se, portanto, de uma “condição necessária” sem a qual não poderíamos exercer as referidas variações, sem a qual sequer poderíamos considerar no pensamento um determinado objeto intencionado como tal. Tal “núcleo invariante” do *cogitatum* – o caráter *necessário* do objeto idealmente considerado – define precisamente a “essência” (o que Husserl chama, no § 98 da referida obra, de “forma ôntica essencial” ou “forma apriórica”)<sup>6</sup> daquilo que se mostra *na e para a* consciência intencional, revelando-se, portanto, em sua dimensão originária na própria intuição vivida. Eis o que Husserl denominou de “intuição de essências” (*Wesenschau*). No § 34 de *Meditações Cartesianas*, Husserl descreve-nos novamente a dinâmica do exercício da variação imaginária dos objetos na consciência, afirmando-nos que tal exercício permite-nos deslocar a atenção das variações as quais submeto arbitrariamente o objeto intencionado para a sua “generalidade essencial” e absoluta, generalidade *essencialmente necessária* para qualquer caso particular desse mesmo objeto<sup>7</sup>.

#### Pode-se dizer que a investigação de essências (*Wesensforschung*)

---

<sup>4</sup> Cf. Husserl, E. *Méditations Cartésiennes*, § 34, p. 59.

<sup>5</sup> Cf. Husserl, E. *Logique Formelle et Logique Transcendantale*, § 98, p. 332.

<sup>6</sup> Cf. *Idem.*, § 98, p. 332.

<sup>7</sup> Cf. Husserl, E. *Méditations Cartésiennes*, § 34, pp. 59/60.

se torna uma peça decisiva quando nos referimos a uma abordagem fenomenológica das ciências. No caso das ciências do homem, adotando, por exemplo, tal abordagem na sociologia, se quisermos investigar a existência de uma instituição em um determinado grupo social, sua gênese histórica e o seu papel atual na sociedade, faz-se necessário definir, primeiramente, pela variação imaginária, *o que* seja esta instituição. Se tomarmos a sociologia de Durkheim como exemplo, constataremos que a mesma assimila a vida religiosa à experiência do sagrado, afirmando-nos que o sagrado tem a sua origem no totemismo, cuja origem resulta, por sua vez, de uma sublimação do social. No entanto, é exatamente neste ponto que uma visada fenomenológica da sociologia poderia promover os seguintes questionamentos: a experiência do sagrado constitui a essência da vida religiosa? Não seria possível conceber (por variações imaginárias) uma religião que não se apoiasse sobre esta prática do sagrado? Enfim, o que significa o “sagrado” propriamente dito? Ao invés de inferir regras gerais a partir da observação de casos particulares e da descrição da regularidade desses casos, conforme propõe, do ponto de vista metodológico, o programa positivista, a atitude fenomenológica concentra-se – em um processo inverso aquele adotado pelas ciências positivas – na descrição (ou análise) de essências. Nos termos de Husserl, trata-se, com a atitude fenomenológica, de um processo dinâmico, de uma atitude reflexiva e analítica, cujo intuito central passa a ser o de promover a elucidação do sentido originário que a coisa expressa, em sua versão reduzida, independentemente da sua posição de existência.

No que se refere a especificidade da atitude fenomenológica, bem como da estratégia metodológica adotada pela fenomenologia, Husserl anuncia-nos explicitamente – em *A Idéia da Fenomenologia*, núcleo das “Cinco Lições” proferidas em abril-maio de 1907 – que, com a fenomenologia, deparamo-nos com a proposta de uma “nova atitude” e de um “novo método”. Deparamo-nos primeiramente com

uma ciência, com uma conexão de disciplinas científicas. Mas, para Husserl, acima de tudo, por “fenomenologia” designamos “...um método e uma atitude de pensamento: a *atitude de pensamento* especificamente *filosófica* e o *método* especificamente filosófico”<sup>8</sup>. A atitude fenomenológica consiste em uma atitude reflexiva e analítica, a partir da qual se busca fundamentalmente elucidar, determinar e distinguir o sentido íntimo das coisas, a coisa em sua “doação originária”, tal como se mostra à consciência. Trata-se de descrevê-la enquanto objeto de pensamento. Analisar o seu sentido atualizado no ato de pensar, explicitando intuitivamente as significações que se encontram ali virtualmente implicadas em *cogitos* inatuais, bem como os seus diferentes modos de aparecimento na própria consciência intencional. Explorar a riqueza deste universo de significações que a coisa – enquanto um *cogitatum* – nos revela no ato intencional é o que é próprio da atitude fenomenológica enquanto um “discernimento reflexivo” levado a cabo com rigor. A especificidade de tal atitude faz da fenomenologia a “ciência clarificadora” por excelência. Já o método fenomenológico será, por sua vez, um método de evidenciação plena dos fenômenos. Também será, para Husserl, o método especificamente filosófico, cuja estratégia maior consiste, para o alcance de um grau máximo de evidência, no exercício da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas. Tal exercício viabiliza, assim, a chamada “redução fenomenológica” e, com ela, a recuperação das coisas em sua pura significação, tal como se revelam (ou se mostram), enquanto objetos de pensamento, na consciência intencional.

Num primeiro momento, ainda no período dos cursos de 1907, pensar a redução fenomenológica implica apenas em pensar, mediante o exercício de generalização da *epoché* (da “colocação entre parêntesis” do mundo empírico-natural), o deslocamento da

---

<sup>8</sup> Cf. Husserl, E. L'idée de la phénoménologie. Cinq leçons, p. 45.

atenção da posição de existência dos fatos para o que há neles de genérico. Nos termos das “Cinco Lições”, com o exercício de tal redução, Husserl fala-nos da passagem de uma ou várias intuições singulares acerca de uma coisa para uma “intuição universal” acerca dessa mesma coisa, na autêntica imanência da consciência pura. Afirma-nos, na “Quarta Lição”, que ao exercer, por exemplo, a redução fenomenológica em relação ao “vermelho”: “Prescindindo do que o vermelho de costume significa...e, agora, vendo puramente, levo a cabo o *sentido* do pensamento de vermelho em geral, de vermelho *in specie*...”<sup>9</sup>. Em outros termos, trata-se do deslocamento de intuições singulares acerca de algo para o *sentido* do pensamento deste algo em geral, o *universal idêntico* destacado visualmente a partir disto e daquilo. Fala-se, portanto, da redução fenomenológica como o método de evidenciação por meio do qual viabiliza-se o salto das intuições singulares para a “essência genérica” ou “sentido genérico” *daquilo* que se intui e do seu estar dado na intuição genérica. Posteriormente, a redução fenomenológica será, na fenomenologia de Husserl, entendida como uma espécie de “circuito de reduções”, composto de uma “redução eidética” e de uma “redução transcendental”. Desloca-se do fato para a essência e da essência para os elementos que, no ato intencional da consciência pura, são responsáveis pela constituição dos objetos visados, bem como pelas diferentes modalidades do aparecer enquanto tal. Portanto, o que se entendia num primeiro momento como “redução fenomenológica”, posteriormente, equivalerá ao que Husserl denominará de “redução eidética”. O termo “redução fenomenológica” compreenderá, por sua vez, num segundo momento, não apenas a redução eidética, mas também a redução transcendental. Compreenderá, portanto, o circuito das reduções como um todo. Por outro lado, em sentido genérico, se poderá por vezes empregar como equivalentes os termos redução

---

<sup>9</sup> Cf. Husserl, E. *L’idée de la phénoménologie. Cinq leçons*, p. 81.

“fenomenológica” e redução “transcendental”, uma vez que a redução fenomenológica – enquanto um método de evidenciação plena dos fenômenos, tal como a fenomenologia transcendental a concebe – não consiste em uma redução meramente “psicológica” (um acontecimento real), daquela que um primeiro nível da *epoché* (ainda não generalizada) proporcionará. Mas, no sentido específico, falar de “redução transcendental” implica em falar de uma das etapas do circuito da redução fenomenológica.

Engana-se, portanto, aquele que pensa que, com a estratégia metodológica adotada pela fenomenologia, Husserl estaria negando a existência do mundo (como ele próprio nos diz, no § 32 de *Idéias I*: “...não nego este ‘mundo’, como se eu fosse um sofista, não duvido de sua existência, como se fosse cético...”)<sup>10</sup>. Antes sim, estaria renunciando a um modo ingênuo de consideração do mesmo, para viabilizar, com o exercício da redução fenomenológica, o acesso a um modo transcendental de consideração do mundo. Em sua versão reduzida, o mundo se abriria, então, enquanto campo fenomenal, na objetividade imanente da consciência intencional, como um “horizonte de sentidos”. Sem negar a existência do mundo factual, renunciamos, pela *epoché*, à ingenuidade da atitude natural, para reter, então, a “alma do mundo”, o mundo na sua pura significação (Como afirma o próprio Husserl, na conclusão de suas *Meditações Cartesianas*: “É preciso primeiro perder o mundo, graças a *epoché*, para o recuperar seguidamente na auto-reflexão universal...”)<sup>11</sup>.

A redução fenomenológica faz reaparecer, na própria camada intencional do vivido, a verdadeira objetividade pela qual o objeto intencionado é, enquanto conteúdo intencional do pensamento, constituído e apreendido intuitivamente. Daí o próprio Husserl

---

<sup>10</sup> Cf. Husserl, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures* (Tome Premier), § 32, p. 102.

<sup>11</sup> Cf. Husserl, E. *Méditations Cartésiennes*, Conclusion /§ 64, p. 134.

dizer, em *Idéias diretrizes para uma fenomenologia pura* (1913), que se por “positivismo” entendemos o esforço de fundar as ciências sobre o que é suscetível de ser conhecido de modo originário, nós é quem somos os verdadeiros positivistas!<sup>12</sup> Se as ciências positivas não deixam de conceber a relação entre subjetivo e objetivo em termos da dicotomia “interioridade” / “exterioridade”, considerando o objetivo como algo que nos remete sempre para uma realidade exterior e independente, para o que transcende a própria “vivência do mundo”, a redução fenomenológica permite-nos, ao nos lançar para o modo transcendental de consideração do mundo, recuperar a autêntica objetividade na própria subjetividade transcendental – domínio último e apoditicamente certo sobre o qual deve ser, segundo Husserl, fundada toda e qualquer filosofia radical – unindo, com isso, o objetivo e o subjetivo. Trata-se, nos termos de Husserl, em suas *Conferências de Paris*, em 1929, de “... uma exterioridade objetiva na pura interioridade”<sup>13</sup>, trata-se de uma “autêntica objetividade imanente”.

A adoção do programa positivista nas ciências implica, ao fazer *uso* da Tese do Mundo, ao mergulhar a consciência na atitude natural, na aceitação de um “realismo ingênuo”. Daí Husserl afirmar, em seu importante artigo de 1911, intitulado *A filosofia como ciência rigorosa*, que: “Toda ciência da natureza se comporta de maneira ingênuo...a natureza tomada como objeto de suas investigações encontra-se para ela simplesmente aí”<sup>14</sup>. Tal programa positivista desconsidera, neste sentido, os problemas filosóficos suscitados pela Teoria do Conhecimento (Afinal, o que torna possível a relação de correspondência entre as vivências cognoscitivas e as coisas a serem conhecidas? Em que tal conhecimento se funda? Quais são os seus limites?). Dá-se, portanto, na atitude natural, a possibilidade

---

<sup>12</sup> Cf. Husserl, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures* (Tome Premier), § 20, p. 69.

<sup>13</sup> Cf. Husserl, E. *Conferências de Paris*, p. 11.

<sup>14</sup> Cf. Husserl, E. *La philosophie comme science rigoureuse*, p. 25.

do conhecimento do mundo – entendido como “realidade factual” – como algo certo e inquestionável. Nos termos de Husserl: “*Óbvio* é, para o pensamento natural, a possibilidade do conhecimento... não há nenhum ensejo para lançar a questão da possibilidade do conhecimento em geral”<sup>15</sup>. Para Husserl, tanto a consciência do senso comum quanto a consciência das ciências ditas “positivas” encontram-se, ainda que de modos distintos, mergulhadas na atitude natural, cujo exercício expressa a relação entre uma consciência espontânea (empírica ou psicológica) e o mundo natural, revelado empiricamente para essa consciência em sua facticidade.

Se considerarmos o caso das ciências humanas, devemos lembrar que este mesmo programa positivista insiste, ao tomar o homem como objeto de investigação (seja em sociologia, seja em psicologia), em inferir generalizações a partir da observação sistematizada e da descrição de regularidades aproximativas do comportamento humano, desenvolvendo uma investigação periférica do homem em relação ao meio no qual se insere. Particularmente, em psicologia, a aceitação do programa positivista começa a se consolidar no último quarto do século XIX por meio de uma aliança da ciência psicológica com o método experimental das ciências naturais. Tal aliança fez, no mesmo período, com que boa parte dos sistemas em psicologia incorressem no equívoco de confundir, na aceitação de um certo paralelismo psicofísico, as leis do pensamento com as leis causais da natureza (propondo inclusive uma espécie de “física do pensamento”), confundindo, com isso, o “sujeito do conhecimento” com o “sujeito psicológico”, conforme o próprio Husserl denunciou em sua crítica ao psicologismo nos “*Prolegômenos*” de suas *Investigações Lógicas*<sup>16</sup>. Tal programa positivista deixa-nos, para o estudo do homem, confinados, do ponto de vista metodológico, a uma lógica indutiva, segundo a qual

---

<sup>15</sup> Cf. *Idem.*, p. 41.

<sup>16</sup> Cf. Husserl, E. *Recherches logiques. Prolegomènes à la logique pure*, § 19, p. 58.

conhecer consiste em descrever, pela observação positiva dos fatos, a regularidade desses fatos, buscando, a partir de casos particulares, inferir “leis gerais” que, por sua vez, conforme dissemos no início, são regras meramente circunstanciais. Afinal, como nos lembra Husserl, dos fatos não podemos extrair evidências apodíticas. A coisa e o mundo em geral não são apodíticos, pois não excluem a possibilidade de que duvidemos deles e, portanto, não excluem a possibilidade de sua não existência. Neste sentido, no exercício do método indutivo, o positivista desconhece o quadro de essências do qual parte ao tomar os fatos como seu *objeto* de investigação.

Já a abordagem fenomenológica nas ciências humanas convida-nos, em um processo inverso aquele adotado pelas ciências positivas, a exercer justamente uma reflexividade acerca deste quadro de essências estabelecido por variações imaginárias, a recuperar a intuição originária da coisa investigada. Convida-nos, portanto, a uma atitude reflexiva e analítica acerca do “sentido íntimo” *daquilo* que se investiga – tanto aquele que se atualiza no pensamento quanto as significações que se encontram ali virtualmente presentes, bem como os seus diferentes modos de aparecimento na própria camada intencional do vivido. Tal abordagem fenomenológica convida-nos, enfim, para uma clarificação do que há de mais fundamental na coisa sobre a qual retornamos, deslocando-nos a atenção da observação empírica dos fatos contingentes para o seu sentido originário indissociável de uma intencionalidade (concebida como uma autêntica objetividade imanente, como uma “objetividade da essência”), consolidando, com isso, uma espécie de “conversão filosófica” que nos faz passar de uma visão ingênua do mundo para o “puro ver” das coisas, no qual o mundo se revela em sua totalidade como “fenômeno”. Eis o convite genuíno da fenomenologia às ciências humanas.

**BIBLIOGRAFIA**

Husserl, E. *Recherches logiques. Tome 1: Prolégomènes à la logique pure*. Collection Epiméthée. Paris: PUF ([1900] 1959).

\_\_\_\_\_ *L' idée de la phénoménologie. Cinq leçons*. Collection Epiméthée. Paris: PUF, ([1907] 1997).

\_\_\_\_\_ *La philosophie comme science rigoureuse*. Collection Epiméthée. Paris: PUF, ([1911]1989).

\_\_\_\_\_ *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures (Tome Premier)*. Paris: Gallimard, ([1913] 1950).

\_\_\_\_\_ *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70, ([1929] 1992).

\_\_\_\_\_ *Logique Formelle et Logique Transcendentale*. Paris: Presses Universitaires de France, ([1929] 1965).

\_\_\_\_\_ *Méditations Cartésiennes*. Paris: Librairie Armand Colin, 1931.

\_\_\_\_\_ *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*. Paris: Gallimard, ([1936] 1989).

Lyotard, J-F *La phénoménologie. Que sais-je?* Paris: PUF, ([1954] 2004).

Merleau-Ponty, M. *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Edição Saraiva, 1973.